



Leandro Figueiredo

Memórias em movimento: a tela como ferramenta no ensino de História

Carlos Pereira Martins

Doutorando em História das Sociedades Ibéricas e Americanas (PUC/RS) e professor da rede municipal de ensino de Belo Horizonte.

Resumo

Este artigo aborda a imagem na tela refletindo sobre a tradição de não-leitores na sociedade brasileira, a qual favorece uma cultura cinematográfica, tratando da análise do discurso e da memória num momento em que a difusão do conhecimento através do audiovisual é mais presente. Sem esgotar o tema, este texto entende a imagem como instrumento de ensino na sala de aula, possibilitando o trânsito do aluno da tela ao texto e vice-versa.

Palavras-chave: imagem, leitura, memória.

O ensino contribui para a criação de cidadãos enraizados numa comunidade de memória livremente escolhida, e não temerosamente preservada, sem arrogância, aberta a outras solidariedades que não a da nação. Mas o professor ensina também o rigor crítico. Quando é necessário ordenar um discurso sobre o mundo, confusamente desenhado pelos furores de uma atualidade lançada, sem hierarquia nem recuo, para as telas de televisão, então o professor pode ajudar a tornar essa distância, indispensável ao exercício do pensamento livre.

Dominique Borne

O discurso e o debate acerca do impacto da mídia vêm se tornando cada vez mais comuns nos meios acadêmicos de modo geral. Os vários eventos envolvidos nas aplicações da informática e/ou do vídeo na educação, no ensino e na pesquisa, tanto na escola quanto nas demais áreas de ação humana são uma prova disso. No caso específico da educação, apesar de seu crescimento na prática cotidiana, algumas propostas se encontram presas aos métodos convencionais e hábitos cotidianos, em todos os níveis de ensino da realidade brasileira.

O ensino no Brasil desenvolve-se de forma bastante desvinculada da história do país, o que leva à reprodução de dados e fatos, reverenciando acontecimentos e personagens numa visão pouco crítica e afastando o aluno do interesse por uma produção que ele não considera própria. Trata-se a educação como parte de um dado pretensamente natural cujas verdades são absolutas. Daí a necessidade de uma renovação pedagógica e da busca de novos paradigmas(1) de produção de conhecimento.

Outro ponto a se considerar, no campo educacional, é a preocupação hodierna de se formar bons leitores. Poderiam as telas (TV, cinema, computador) contribuir para a formação de leitores? Em caso afirmativo, outras questões surgem: as imagens, por si sós, poderiam levar à compreensão de uma narrativa? É preciso considerar que toda leitura resulta de um acúmulo de referências anteriores.

Refletir sobre essas questões é, antes de tudo, ter em mente que somos fruto de um país que, desde suas origens, trilhou um caminho de formação de não-leitores(2). Dentre os fatores que contribuíram para isso, temos a proibição da existência de imprensa no Brasil do período colonial. O material escrito representava grande perigo tanto para o Estado quanto para a Igreja. Para o primeiro, havia o medo de se revelar o mapa do tesouro: as ricas minas de ouro e pedras preciosas. Para o segundo, havia o perigo da entrada de idéias contrárias aos

dogmas católicos. Somente com a vinda da Corte para o Brasil, teria início o trabalho de impressões de textos nestas terras. Hoje, o preço dos livros, a dificuldade de acessá-los via escola e a inexistência de bibliotecas próximas às camadas populares são aspectos que dificultam a correção desse caminho. É nesse contexto, que se há de entender os motivos da existência de uma cultura audiovisual tão forte em nossa sociedade.

Além das interferências da cultura cinematográfica em nossa literatura - autores como Carlos Drummond de Andrade, Silviano Santiago e Luiz Vilela desenvolveram um forte diálogo com o cinema - por volta dos anos 70, houve o boom da televisão, com grandes repercussões na sociedade brasileira. Grande parte da população viu-se envolvida na discussão de questões ditadas pela telinha que, apesar do seu apelo econômico, "é também cultura e como tal pode ser considerada um bem simbólico, um jogo de paixões, um espaço de convergência de valores que veicula uma visão de mundo e efetua uma reconstrução da realidade." (3)

A televisão e o cinema brasileiros exploram um vasto conjunto de imagens(4) que retomam muitas questões discutidas na literatura do século XIX. Para a grande massa, tais questões chegam, primeiro, pelas telenovelas, e só depois pelo livro. As obras da literatura nacional, inacessíveis à maioria da população, chegam até ela através da adaptação realizada por filmes, seriados e novelas. Sendo assim, torna-se indispensável uma nova didática que estabeleça e fortaleça as relações entre a leitura, a literatura e o leitor, o presente e o passado. O leitor brasileiro pode estabelecer um vínculo com o processo histórico do país por meio da tecnologia contemporânea e do discurso produzido a partir da realidade, que lhe possibilita sentir-se parte dessa história. As imagens são poderosas ferramentas que o professor pode usar para atingir esse objetivo.

Desde muito tempo, os educadores ocidentais sabem dessa importância da imagem no processo de formação de leitores. Em Paris, por exemplo, havia duas Bíblias manuscritas, "uma delas com mais de cinco mil e outra com cerca de duas mil e quinhentas ilustrações, 'cada quadro acompanhado de dois versículos em latim e em francês, com as letras iniciais e finais em ouro e azul' " (5), fato que mostra o refinamento e a importância das imagens, ainda na Idade Média, quando se tinha em mente a expansão da leitura.

No mundo atual, é impossível não reconhecer o alcance e a popularidade adquiridos pelos meios audiovisuais: cinema, TV analógica, vídeo, computador, celular, MP3 e mais recentemente a TV digital dão mostras de como a imagem produzida está

difundida em nosso dia-a-dia. Todas essas ferramentas permitem uma nova apreensão da realidade e podem ser utilizadas pelo professor em sala de aula, criando novas possibilidades de diálogo entre os estudantes e o conhecimento do passado histórico do país e do mundo. Ao tomarmos as formas imagéticas como elemento essencial do universo contemporâneo, elas passam necessariamente a fazer parte também do processo de educação e, portanto, do trabalho do professor, sobretudo, dos que atuam, diretamente, nas diversas disciplinas.

Considerando a importância dos filmes para o processo educativo, podemos considerar que eles imprimem, na memória coletiva, um conjunto significativo de impressões sobre a sociedade. Segundo Carnes, o filme

freqüentemente, ensina verdades importantes sobre a condição humana. Mas não substituí a História que tenha sido escrita penosamente a partir das melhores análises e evidências disponíveis. Às vezes os cineastas, totalmente imbuídos de seus produtos, proclamam-se "precisos" ou "fiéis" e muitos espectadores não deveriam endossar tais pretensões nem descartá-las de todo e, sim, encará-las como um convite a um aprofundamento posterior. (6)

Hoje, torna-se indispensável uma abordagem transdisciplinar e livre de preceitos ultrapassados acerca das relações entre o ensino, a arte cinematográfica e outras propostas audiovisuais. De fato, Educação, História e Comunicação podem se encontrar de forma indissociável, especialmente quando, ao estudarmos as novas teorias da comunicação, podemos refletir sobre a função da educação e do educador na sociedade da hipermídia.

Dessa forma, pensar a relação entre cinema e História é apenas uma etapa de um trabalho muito mais complexo, que exige novas pesquisas e abordagens. Apesar de estar ligada ao presente, como todas as outras áreas do conhecimento, a História tem claramente, como seu objeto de estudo, o passado. Isso favorece a utilização didática dos meios audiovisuais, quer sejam eles do cinema ou da televisão. Por meio deles, podemos acessar imagens que documentam parte da história do século XX e reconstituir a análise das representações dos séculos anteriores. Esse rico acervo pode e deve ser aproveitado pelo professor tanto na pesquisa como no ensino, pois as imagens fílmicas colocam estudantes e professores frente a um discurso construtor do saber histórico que, embora remeta ao passado, torna-se totalmente contemporâneo e favorece um processo de ensino-aprendizagem do aqui/agora.

Numa reflexão, mesmo que ligeira, sobre as implicações das relações entre imagem, realidade, educação e produção do conhecimento histórico, acabamos por concluir que toda imagem é histórica, na medida em que ela é produto de seu tempo e carrega consigo - mesmo que indiretamente, e na maioria das

vezes, de forma inconsciente - as tendências, ideologias e mentalidades, além dos costumes, rituais e universos simbólicos do período em que foi produzida. Além disso, a imagem também relata a visão da classe ou do grupo de pensamento de quem a produziu. Afinal,

fazer vídeo, filme ou programas de TV é organizar elementos para expressar visões estéticas, documentais ou subjetivas do mundo. Imagens provêm de escolhas: o que mostrar de cenário e personagens, durante quanto tempo, com câmera fixa ou móvel, de que ângulo? Dependendo das escolhas, ação, pessoa e objeto são ressaltados ou minimizados. Nada é fortuito. (7)

Em outras palavras, é possível identificar a ideologia presente no filme, suas mensagens não-questionadas, o não-dito, pressupostos ou hipóteses aceitos de antemão, valores afirmados e negados, como são apresentados a justiça, o trabalho, a sociedade, as relações entre as pessoas, o amor, o mundo. É possível ainda perceber como cada personagem julga essas concordâncias e divergências nos universos ideológicos envolvidos. Também é necessário discutir a partir de que momento cada um (atores, diretores e espectadores) julga a história, mostrando a importância de se ter clareza quanto ao efeito das posições interpretativas.

Tudo isso leva-nos a perceber que imagem é um documento histórico passível de ser utilizada didaticamente e gerar debates. No entanto, esse uso didático, mesmo que teoricamente se mostre correto, deve ser feito de forma planejada, levando-se em consideração vários pontos, tais como os objetivos a serem alcançados, a temática proposta, a profundidade a ser buscada, o público-alvo e suas representações sociais preexistentes na memória, além de muitos outros elementos que envolvem tal problemática.

Se formos considerar apenas o aspecto documental das imagens fílmicas, somente poderíamos estudar por essa via a História vivida no século XX (e parte do século XIX, se considerarmos a fotografia), visto que a produção cinematográfica só se desenvolveu de modo mais sistemático a partir do século XX. No entanto, existe, no interior da produção global, um grande número de filmes, vídeos e programas de televisão que possuem como temática a História e cujo alusivo temporal não se limita a esse século, remontando às origens do homem, nas comunidades primitivas (*A guerra do fogo*), ou à Antigüidade (*300*, *Ben-Hur*, *Spartacus*), ao mundo medieval (*O nome da rosa*, *Coração valente e Cruzada*), ao período renascentista (*Giordano Bruno*, *Lutero*) e ao mundo contemporâneo (*Tempos modernos*, *O dia seguinte*, *A lista de Schindler* e tantos outros). Como podemos perceber, os exemplos são inúmeros. Essas obras são portadoras de discursos contemporâneos à sua produção, sejam eles baseados em

reconstruções históricas, ficções ou documentários, mas que remetem a um passado a ser estudado e ressignificado.

Problematizar o significado e o lugar de produção(8) dos filmes é importante não só porque suas condições de produção - quem fala, para quem, em que rede social está imerso - interferem na mensagem, mas também dialogam com os elementos neles contidos, levando-se à descoberta do que está ou não implícito. Devemos considerar também que muitos filmes falseiam o estudo do passado e podem ser usados para fins propagandísticos ou político-ideológicos, fatos que devem ser percebidos por um espectador/leitor crítico. É preciso ficar atento às mistificações e combatê-las, fazendo uso das discussões históricas existentes sobre o tema em questão, para se obter uma crítica do filme e do contexto, procurando contrastá-los com a prática que lhes seja correspondente e assim produzindo um saber sistematizado.

A ampliação do uso de documentos audiovisuais na prática do ensino-aprendizagem, proporcionada pela informática e pelas novas tecnologias de comunicação, auxilia a necessária transformação da estrutura do ensino, na medida em que incorpora a idéia de aprendizagem como um evento vivo e elaborado a partir do presente, e não como algo aleatório e desvinculado da atualidade. Sendo assim, essas práticas podem ser construídas pelos estudantes no processo da produção do conhecimento, momento em que poderão criticar os discursos do professor, do livro, do filme ou de qualquer outro meio, construindo, assim, como protagonista, sua própria versão do passado e do presente, da discussão e do questionamento das diversas fontes sobre determinado processo e seus respectivos discursos.

A tradicional função do professor desloca-se do domínio daquele que passa informações para o que estimula a descoberta realizada pelos alunos. O professor deixa de ser apenas aquele que dialoga com um saber já construído. Lembremos que a situação atual não é a mesma de outrora, em que o docente tinha o privilégio de ser o único, em sua classe, a deter o prestígio do conhecimento. Como diz Pierre Lévy em *Cibercultura*(9), pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no começo de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira. Atualmente, os conhecimentos estão sendo transformados a todo momento: isso, por si só, já coloca o ensino tradicional, ainda dominante em nossas escolas, em crise(10), evidenciando a necessidade urgente de transformação do processo de abordagem da produção de saber.

Os filmes exibidos em sala de aula devem ser concebidos como uma espécie de pano de fundo para as aulas de História, já que

oferecem uma noção global e alguns conhecimentos a partir dos quais pode-se abrir um leque de análises e um estudo mais aprofundado e crítico daqueles temas que suscitam particular interesse para a compreensão da realidade. A fim de atender a esse aprofundamento particular, é importante indicar textos, documentos e bibliografia referentes aos períodos da história enfocados. Esse material expressa uma preocupação didática que busca utilizar instrumentos de linguagem e estilo acessíveis e legíveis pela contemporaneidade. A experiência tem mostrado que os resultados dessa metodologia podem ser surpreendentes e que seu maior fruto não está nas produções avaliáveis através de nota ou conceito, mas no interesse pela "matéria" e no crescimento da dedicação à busca de conhecimento. Esse trabalho permite lidar com o aluno real - sua visão de mundo, suas formas de pensar e registrar idéias, sua produção de mensagens - e permite utilizar seus recursos cognitivos como meio de sua própria expressão e seu aprendizado.

Do ponto de vista da perspectiva adotada - reflexão acerca da construção do conhecimento e uso das telas (TV, cinema, computador) como ferramentas de ensino em História - as discussões são sempre ricas, indicando vários caminhos a seguir e outras possibilidades de aprofundamento, seja no que tange às noções básicas de História, seja no que diz respeito ao combate aos estereótipos, mitos e preconceitos que ainda perpassam nossa atual produção de conhecimento.

Abstract

This article approaches the image in the screen contemplating about the "no-readers" tradition in the Brazilian society favoring a cinematographic culture, treating of the analysis of the speech and memory in one moment in that the diffusion of the knowledge through the audio-visual is more present. Without draining the theme, understands the image as teaching instrument in the class room, making possible the student's traffic of the screen to the text and vice-versa.

Key-words: image, Reading, memory.

Notas

[1] DELORS, 2001.

[2] Relacionada às heranças culturais deixadas pelos portugueses, vemos na crônica "Ler", de Miguel Esteves, uma crítica quanto ao comportamento do português, avesso à leitura. Concebendo-a como perda de tempo, distração perigosa a deixar o indivíduo sujeito aos perigos que o rondam enquanto lê,

perigosa após as refeições e prejudicial à visão, ela favorece a solidão. CARDOSO, 1990. p. 144-147.

[3] PEIXOTO, [s.d.]. p. 65.

[4] SOARES, 2001.

[5] CORRÊA, 2007.

[6] CARNES, 1997. p.10.

[7] CARNEIRO, 2002. p.19.

[8] Mônica Almeida Kornis alerta para a necessidade do questionamento sobre a relação que se estabelece entre imagem cinematográfica e a sociedade que a produziu. Segundo a pesquisadora, o historiador Pierre Sorlin na tentativa de buscar um método para a análise dos filmes, atenta para "a formulação de hipóteses, que permitirão, pela pesquisa histórica, desvendar certos conjuntos significantes, os quais tornarão possível a análise das formas de expressão (imagem, movimento, som, palavra) dentro de uma configuração ideológica construída num contexto social e histórico determinado". KORNIS, Mônica Almeida. Cinema e história: a vez das imagens. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH, RJ (4.: 1990: Rio de Janeiro, RJ). História hoje: balanço e perspectivas. Rio de Janeiro: ANPUH, Núcleo do Rio de Janeiro, 1990. p.81-83.

[9] LÉVY, 1999.

[10] Sobre a crise e sua relação com história e sala de aula v. CITRON, Suzanne. *Ensinar a História hoje*. A memória perdida e reencontrada. Lisboa: Livros Horizonte. 1990.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Miguel Esteves. *A causa das coisas*. 10. ed. Lisboa: Assírio e Alvin Editora, 1990.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. Analisando e produzindo o audiovisual: oficina de vídeo na escola. In: *TV na escola e os desafios de hoje*. 2. ed. Módulo 3. Brasília, Seed/MEC, 2002.

CARNES, M. C. *Passado imperfeito: a história no cinema*. São Paulo: Record, 1997.

CITRON, Suzanne. *Ensinar a História hoje*. A memória perdida e reencontrada. Lisboa: Livros Horizonte. 1990.

CORRÊA, Ana Paula Thedin. *Direitos escritos numa terra sem livros*. Panóptica, Vitória, ano 1, n. 9, jul. - ago., 2007, p. 150-65. Disponível em: <http://www.panoptica.org>.

DELORS Jaques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KORNIS, Mônica Almeida. Cinema e história: a vez das imagens. In: *ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH, RJ (4.: 1990: Rio de Janeiro, RJ)*. História hoje: balanço e perspectivas. Rio de Janeiro: ANPUH, Núcleo do Rio de Janeiro, 1990.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34. 1999.

PEIXOTO, Milza Bruxellas. *Visões da história na imagem televisiva*. História - Série. História - Ensino, CAFH, UNESP / Franca, São Paulo, [s.d.].

SOARES, Mariza de Carvalho, FERREIRA, Jorge. *A História vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *Técnicas de ensino: por que não?* 2. ed. São Paulo: Papirus, 1993.